

EDUCAÇÃO E MÍDIA: LEITURAS DE DESENHOS ANIMADOS NA ESCOLA¹

Analice Dutra Pillar²

Tatiana Telch Evalte³

Resumo

Este artigo busca problematizar a leitura da visualidade contemporânea na escola, enfocando criações audiovisuais da mídia televisiva. Analisa, com base no referencial teórico e metodológico da semiótica discursiva, três episódios do desenho animado *Bob Esponja Calça Quadrada*, quanto aos efeitos de sentido produzidos na inter-relação das diferentes linguagens que os constituem, e as significações que as crianças lhes atribuem. Para conhecer as significações das crianças, foi constituído um grupo focal com uma turma de 4ª série do Ensino Fundamental que, após assistir cada um dos episódios, expressou suas leituras. Ao ler essas produções, as crianças relacionaram a fatos do seu cotidiano, tematizando-os. As conclusões evidenciam a importância de refletir sobre a visualidade contemporânea na escola, procurando apreender tanto seus efeitos de sentido como o que as crianças significam ao interagirem com tais produções; e apontam possibilidades de leitura de criações audiovisuais.

Palavras-chave: Educação; Mídia Televisiva; Leitura Audiovisual; Desenho Animado; Infância

¹ Este artigo apresenta uma síntese dos resultados da pesquisa “Visualidade e sentido: contágios entre arte e mídia no ensino da arte”, a qual foi realizada com Bolsa de Produtividade em Pesquisa do CNPq (PQ-2009/2012) e contou com bolsistas de iniciação científica (BIC/UFRGS e PIBIC/CNPq-UFRGS). O texto reúne e articula algumas das análises apresentadas separadamente em PILLAR (2010 e 2011) enfocando em especial as leituras da mídia televisiva com crianças.

² Doutora em Artes (ECA/USP). Professora Associada da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (FACED/UFRGS). Endereço: rua André Puente, 12 apto.602 – Porto Alegre – RS, Brasil - CEP 90035-150. Telefone: (51) 3311 2915. E-mail: analicedpillar@gmail.com

³ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGEdu/FACED/UFRGS), na linha de pesquisa Educação: Arte Linguagem Tecnologias. Endereço: rua Carlos Von Koseritz, 486 apto. 105 - Porto Alegre – RS, Brasil - CEP 90540-030. Telefone: (51) 9158 6645. E-mail: tatitelch@yahoo.com.br

1 INTRODUÇÃO

A presença da mídia televisiva no cotidiano dos brasileiros é muito significativa e tem incitado nossos desejos, pensamentos e ações. Presença como um encontro esperado, muitas vezes com dia e hora marcados para acontecer, o qual cria expectativas e gera significações. De todas as mídias com que interagimos, a televisão é a que tem maior inserção nas diferentes classes sociais capturando, por meio de uma variada grade de programas, a atenção de pessoas de diversas idades. Dentre a programação exibida na televisão, pesquisas (CARNEIRO, 2007) mostram que os desenhos animados são os favoritos das crianças. O que elas apreendem acerca do que vêem nos desenhos? Que sentidos constroem? Como lêem essas produções?

Lançar um olhar reflexivo e crítico sobre essas narrativas, desde a perspectiva dos efeitos de sentido que provocam através do modo como nos apresentam o mundo, é papel da educação. Ao discutir a importância de aprendermos a ler televisão, María Acaso (2006, p. 89-90) diferencia as instâncias de ver e de ler esta mídia dizendo que ver “significa pousar nosso olhar de forma superficial sobre algo. Sem dúvida, ‘ler’ significa primeiro olhar, deter o olhar no que se vê, obter a informação e selecionar um produto visual do resto (...)”. A autora observa, também, que ler envolve compreender o que e como a informação se mostra ao nosso olhar. No entanto, ressalta que “aprender a ler uma imagem não se desenvolve de forma inata. Para isto é necessário adquirir uma série de conhecimentos e colocar em funcionamento um sistema de análise” (ACASO, 2006, p. 90).

A esse respeito Vânia Carneiro (2007, p. 198) também salienta que “a vivência de espectador não oferece condições suficientes para que se compreenda bem o funcionamento da TV e se a veja criticamente”. Isso porque, de acordo com a autora, “a capacidade para compreender e analisar a TV não se adquire apenas consumindo-a; é preciso estudar a linguagem, o discurso e a tecnologia que a permeiam” (CARNEIRO, 2007 p. 198). Para ler criticamente o que assistimos na televisão necessitamos, então, de instrumentos que nos ajudem a conhecer as especificidades da linguagem audiovisual, o modo como as linguagens visual e sonora se entrelaçam para produzir um discurso, os efeitos que a tecnologia cria e suas significações.

São várias as teorias sobre modos de ler produções imagéticas e cada uma apresenta um sistema de análise de acordo com seu quadro de referência. A leitura, com base nos pressupostos da semiótica discursiva, considera o mundo como um texto e busca apreender os

sentidos que cada leitor produz em sua relação com diferentes materialidades discursivas. O sentido é, então, uma construção de cada sujeito em diálogo com o que está posto nos textos; as informações de que dispõem; e o contexto que o acolhe. À medida que o leitor olha e reflete sobre o que vê, sua leitura vai se tornando mais complexa e mais densa.

Neste sistema de análise importa desconstruir o texto identificando tanto suas qualidades sensíveis, o modo como ele se mostra; quanto seu significado, o que aborda; e reconstruí-lo para compreender como as relações entre essas duas instâncias significam. A leitura é, então, um modo de compreender o que e como as narrativas visuais e discursivas da televisão se mostram, de conferir-lhes sentido. Importa lembrar, ainda, que as informações visuais e sensíveis presentes no objeto olhado e o modo de olhar, o qual seleciona, recorta, destaca, a partir de um determinado campo teórico, o que é significativo, são construções culturais de um tempo e de um contexto específico.

2 DESENHOS ANIMADOS

Dentre as animações apresentadas na mídia televisiva, nos últimos vinte anos, Bob Esponja Calça Quadrada (*SpongeBob SquarePants*) destaca-se não só por se manter no ar desde 1999, quando estreou no canal Nickelodeon; como também por ser, durante seus quatorze anos, um dos desenhos animados mais assistidos do mundo. Trata-se de uma criação de Stephen Hillenburg, que tem encantado e instigado pessoas de todas as idades, em mais de 170 países, e que foi traduzida para 25 idiomas (ABER, 2013, *online*; CARDOSO, 2013, *online*).

O desenho tem como cenário a cidade submarina da Fenda do Bikini, fazendo uma referência ao Atol de Bikini, considerado pela UNESCO Patrimônio da Humanidade. O Atol de Bikini reúne um conjunto de ilhas situadas no Oceano Pacífico, onde foram feitos diversos testes nucleares, de 1946 a 1958. Em virtude das radiações provocadas pelos experimentos, a população de Bikini foi transferida para outras ilhas, mas os efeitos da radioatividade contaminaram o solo e permanecem até os dias de hoje. No entanto, na água tais radiações se dissiparam mais rapidamente e, por o lugar ter ficado isolado durante quarenta anos, hoje possui uma grande diversidade de peixes, sendo considerado um dos santuários ecológicos mais ricos do mundo (PIOVEZAN, 2013, *online*).

No desenho animado, os personagens são, em sua grande maioria, peixes de várias espécies. Bob Esponja, o personagem principal, é figurativizado como uma esponja amarela, em formato quadrado, que veste calças curtas, camisa e gravata, sapatos pretos e meias brancas até os joelhos. Seus melhores amigos são Patrick, uma estrela-do-mar cor-de-rosa, que usa um calção verde estampado com flores roxas; e Sandy, uma esquilina que usa roupa de mergulhador para viver no fundo do mar. Outros amigos de Bob Esponja são Lula Molusco, um polvo que, em geral, está mal-humorado; e Seu Siriguejo, proprietário da lanchonete Siri Cascudo, onde Bob Esponja e Lula Molusco trabalham fazendo hambúrgueres de siri. Os demais personagens, que aparecem nos episódios, são peixes que se vestem como humanos, com calça, camisa ou vestido e colar. Em trabalhos anteriores (PILLAR, 2010, 2009, 2008) analisamos cada um dos personagens, seus figurinos, gestualidade, discursos, o cenário do desenho e suas significações.

Neste artigo apresentaremos um recorte do corpus da pesquisa mencionada anteriormente, enfocando três episódios do desenho Bob Esponja Calça Quadrada: Doidos pela banda (*Band Geeks*), O meu belo cavalo marinho (*My pretty Seahorse*) e Vizinhos náuticos terríveis (*Naughty Nautical Neighbors*), os quais serão descritos e analisados, a seguir, de acordo com os aportes da teoria semiótica discursiva.

Para conhecer que sentidos as crianças atribuem a tais criações, constituímos um grupo focal com uma turma de 4ª série do Ensino Fundamental de uma escola da rede pública de ensino da cidade de Porto Alegre (RS), que assistiu a cada um dos episódios e depois conversou expressando suas leituras. A turma era constituída por 27 crianças, 14 meninas e 13 meninos, com idade entre 9 e 13 anos, em sua maioria de classe média.

O método do grupo focal foi escolhido por possibilitar a “coleta de dados por meio das interações grupais ao se discutir um tópico especial sugerido pelo pesquisador” (GONDIM, 2012, *online*). Com esse procedimento buscou-se promover a troca de ideias entre as crianças, a fundamentação de tais ideias, as contra-argumentações e discordâncias.

Para a conversa com as crianças elaboramos um roteiro com algumas questões gerais e outras específicas acerca de cada episódio, no entanto durante as discussões outras perguntas surgiram. Após assistirem aos episódios, para provocar o diálogo, era perguntado quem já tinha visto esta produção. Quem queria falar sobre o episódio do desenho? Do que ele trata? Quais personagens apareceram? Como eles estão vestidos? Quais são as cores dos personagens? Onde a história acontece? Que sons aparecem no desenho? Tem música? Que

tipo de música? Tem ruídos? Tem palavras escritas? Que parte do desenho animado mais gostaram? Especificamente sobre cada episódio foram feitas questões pontuais, tendo por foco as temáticas abordadas.

Apresentaremos, a seguir, uma análise de cada um dos episódios selecionados e as leituras feitas pelas crianças ao significarem tais produções.

2.1 Doidos pela banda

O episódio começa com Lula Molusco tocando clarinete, quando soa a campainha. É a equipe do Hospital de Mascotes que procura por um animal moribundo. Lula bate a porta, fechando-a, e logo toca o telefone. É um velho amigo seu, que possui uma banda, e precisa que Lula o substitua em um show na Bolha, com sua própria banda. Lula não admite para o amigo que não tem uma banda, fica todo nervoso e espalha cartazes pela Fenda do Bikini para formar uma. Lula aluga instrumentos musicais e chega ao auditório lotado para o primeiro dia de ensaio. Começa o ensaio e também a confusão, pois os participantes não sabem tocar os instrumentos. Patrick e Sandy brigam. E essa situação prossegue no segundo e no terceiro dia de ensaio, com mais confusões. No último dia de ensaio Lula sabe que eles não fizeram progressos e pede que não compareçam ao show. Bob Esponja, depois da fala de Lula, junta todos os integrantes da banda e assume o ensaio. No outro dia, na Bolha, o amigo de Lula aparece e o despreza por ele não ter uma banda. Surge, então, Bob Esponja com a banda, que se prepara para entrar em cena. Logo começa o show, Bob canta e a banda toca afinadamente. Lula Molusco assume o comando e seu velho amigo desmaia. O episódio tem duração de 11 minutos e 57 segundos.

Ao analisarmos o episódio, vemos em sua abertura o título acompanhado de uma música. “Band Geeks” aparece centralizado na tela, em cor vermelha vibrante, com letras em caixa alta e desalinhadas umas das outras, ficando algumas mais para cima e outras mais para baixo. A disposição das letras traz ao enunciado um clima de bagunça e desajustamento, o que nos dá pistas de como será o episódio.

A palavra *geeks*, encontrada no título, é uma gíria inglesa que pode ser usada como sinônimo de bobo, maluco, mas que atualmente denomina os *nerds*, pessoas obcecadas por algo (OLIVEIRA NETO, 2012, *online*). Percebemos, então, que o título original apresenta uma ideia ambígua, pois tanto pode significar uma banda de malucos, como pessoas

obcecadas por banda. Ficamos diante de um paradoxo que é resolvido quando o narrador anuncia, em áudio, o título em português: “Doidos pela Banda”. A tradução indica que se trata de sujeitos obstinados por uma banda ou que gostam muito dela.

A música instrumental que acompanha o título do episódio caracteriza uma banda marcial. As bandas marciais são compostas por um grupo de músicos que, geralmente, utiliza duas classes de instrumentos, os metais e a percussão; e interpretam peças musicais dentro de um estilo, sem perder a marcialidade (CABRAL, 2011, *online*). Marcial diz respeito à marcha, a qual requer constância nos passos e regularidade na pulsação. Além de desfiles tradicionais esse tipo de banda, nos Estados Unidos, apresenta-se em eventos como jogos de Futebol Americano e, normalmente, está vinculada a uma universidade.

Na cena de abertura, a sobreposição das linguagens visual e sonora nos indica o tema do episódio, que inicia com Lula Molusco tocando um clarinete, acompanhando as partituras a sua frente. Soa a campainha. Lula abre a porta e o “veterinário” diz: *“nós somos do Hospital de Mascotes dessa rua e nos informaram que você tem um animal moribundo em sua casa”*. Lula fecha a porta, ignorando o veterinário. Neste momento, o telefone toca e ele atende dizendo: *“alô, aqui é a casa do talento não reconhecido, por favor, deixe o recado depois do... (e toca o clarinete)”*. Do outro lado, uma voz responde: *“parece que você tem um animal moribundo para cuidar hein, velho amigo?”*.

Quando Lula atende o telefone, a tela se dividi em duas partes permitindo a visualização dos dois personagens e do contexto em que estão. Nota-se que o ambiente de Lula Molusco é simples e austero, sem muitos detalhes, do mesmo modo que sua roupa, uma camiseta básica, na cor marrom. Já seu amigo aparece em um ambiente mais sofisticado que podemos perceber pela riqueza da decoração, com quadros nas paredes e uma arquitetura que evidencia, através de colunas, a grandiosidade do local. A cor azul e os detalhes em dourado complementam o ar de requinte e ostentação do ambiente. O personagem está vestindo um robe com um lenço no pescoço, o que sugere sua elegância e, dentro desse cenário, sua posição social.

O amigo continua sua fala comentando: *“disseram que você toca a caixa registradora”*. Lula responde: *“às vezes, e como vai a sua inteligência?”* A partir dessa pergunta a tela dá um close apenas no amigo de Lula que responde: *“é grande e valiosa!”* Esse recurso da linguagem videográfica dá ênfase na superioridade que o amigo tem sobre Lula.

Como líder de uma grande Banda Moderna que foi convidada a tocar na Bolha, na próxima semana, o amigo diz: *“estou realizando o seu sonho, Lula Molusco”*. E, alegando estar muito ocupado naquela semana, pede que Lula o substitua com a sua banda. Lula não responde, então o amigo diz: *“ah eu sabia, você nem mesmo uma tem banda, agora vou deixar que você volte ao seu serviço no comércio”*. A câmera foca em Lula, que esbravejando fala: *“espera aí, fica sabendo eu não vendo lanches rápidos. Eu tenho uma banda e nós vamos tocar na Bolha entendeu? O que você acha?”* O amigo deseja boa sorte, se despede falando até quinta (dia da apresentação).

Lula quer provar ao amigo que também tem uma banda, mas fica preocupado em como vai fazer para constituí-la e comenta: *“Preciso arrumar uma banda”*. Decide, então, distribuir cartazes pela Fenda do Bikini e à medida que os personagens os recebem vão lendo em voz alta o que está escrito: *“procurando preencher melhor sua vida muito, muito chata? Então faça parte da maior sensação musical de todos os tempos da Fenda do Bikini e seja adorado por milhares de pessoas que você não conhece. Sem falar nos refrescos grátis. O ensaio começa essa noite às 8h30min em ponto”*.

O cartaz, criado com o intuito de convidar a participarem da banda, propõe um tipo de relação baseada no regime de manipulação, utilizando como estratégia a tentação, ao aludir à fama e oferecer refresco. Isto pode ser evidenciado nos dizeres: *“Maior sensação musical... Seja adorado por milhares de pessoas... Refrescos grátis...”* Essas promessas atingem diferentes moradores da Fenda do Bikini que, por se identificarem com algumas delas, sentem-se desejantes de participar da banda. Podemos dizer, assim, que Lula manipula os moradores da Fenda do Bikini.

Fechine e Vale Neto (2010), ao abordarem o regime de interação por manipulação, observam que este se caracteriza por uma relação em que um sujeito se deixa manipular por intermédio de conteúdos ou objetos-valor propostos por um sujeito manipulador. Para tal é preciso que haja uma intencionalidade, que um sujeito faça com que o outro deseje, desperte um querer fazer que o impulsionará a agir. No entanto, os autores ressaltam que, para que um sujeito queira fazer algo, *“é preciso que o manipulador o faça crer ou saber das vantagens daquele querer e fazer (não importa que o querer e o fazer sejam provocados, objetivamente, por promessa ou ameaça, ou, subjetivamente, por sedução ou provocação)”* (FECHINE; VALE NETO, 2010, p.6).

A estratégia funciona e quando Lula chega ao auditório, este está lotado e todos falam ao mesmo tempo, o que é mostrado na tela através das marcas (blá, blá, blá). Não se trata de uma conversa, pois cada um fala sem se importar com os outros. Essa onomatopéia (blá, blá, blá) é característica de uma conversa “oca” sem conteúdo.

Lula tenta começar o ensaio, pede para que todos o acompanhem, que entrem no ritmo, mas forma-se uma grande confusão. Ele percebe, neste momento, que ninguém tem experiência com instrumentos musicais e que estavam ali, apenas, em função de suas promessas.

Madalena Freire, ao discutir o que constitui um grupo, menciona Pichon-Rivière que considera grupo “um conjunto de pessoas movidas por necessidades semelhantes, que se reúnem em torno de uma tarefa específica” (PICHON-RIVIÈRE *apud* FREIRE, 2007, p.1). E a autora enfatiza que para que um trabalho em grupo funcione é preciso, no entanto, que deixe “de ser um amontoado de indivíduos, para cada um assumir-se enquanto participante de um grupo com objetivo mútuo” (FREIRE, 2007, p.1).

No segundo dia de ensaio, a banda desfila com um estandarte identificando-a e apresenta-se nas ruas da Fenda do Bikini como uma banda marcial. Lula, como regente, pede maior movimentação às balizas que começam a realizar acrobacias cada vez mais rápidas, saem voando e atingem um dirigível que explode. Um dos participantes da banda começa a tocar a marcha fúnebre e os outros participantes fazem expressões tristes. Lula se desespera e joga-se no chão.

Corta a cena, o narrador anuncia o terceiro e depois o quarto e último dia de ensaio antes do show na Bolha. Lula Molusco diz: “*bem é a nossa última noite juntos antes do show e eu sei que vocês não fizeram progressos desde que começamos*”. Aparece uma cena de Patrick mordendo uma corneta, reforçando ainda mais o despertencimento ao grupo, não só dele, mas dos outros participantes também. E Lula continua falando: “*mas eu tenho uma teoria, as pessoas falam alto quando querem bancar as espertas. Bom se tocarmos alto as pessoas podem pensar que somos bons. Estão todos prontos? E 1,2, e 1, 2, 3, 4.*” Aparece uma vista externa do local em que estão ensaiando e quando os instrumentos tocam em alta intensidade, todos os vidros se quebram. Lula aparece na cena todo desfigurado e diz: “*Tá, nova teoria, pode ser o caso de tocarmos tão baixo que assim ninguém vai nos ouvir*”.

Durante as cenas seguintes dos ensaios podemos perceber nas falas de Lula Molusco, o regente da banda, um descaso para como o grupo. Ele não acredita em uma melhora do

coletivo e por isso não faz questão de mudanças ou de maior comprometimento. Abre-se a porta e Lula surge dizendo: *“bem vocês conseguiram, tiraram a minha única chance de felicidade e esmagaram ela em pedaços pequenos do tamanho de uma mordida. Eu esperava mais de vocês, pessoal. Acho que eu sou um fracassado também, mas não se preocupem em aparecer amanhã, eu vou dizer a todos que morreram num acidente de percurso. E obrigado, obrigado por nada”*. Lula sai chorando e Patrick responde: *“não há de quê!”*.

Nesse instante, Bob Esponja assume o comando do grupo e pergunta: *“que tipo de monstros somos nós? Aquela pobre criatura veio até nós em um momento de necessidade e nós falhamos. O Lula Molusco sempre nos ajudou, quando era conveniente para ele”*. Bob continua questionando o grupo sobre quem lhes tirou de uma situação complicada e convoca o grupo a se unir: *“eu tenho certeza de que nos uniríamos e ficaríamos sabendo o verdadeiro significado de fazer parte de uma Banda!”*

Na próxima cena, todos estão comemorando quando troca o foco para Bob Esponja que ocupa toda tela, dando a impressão de ser maior, e fala em voz mais grave do que de costume: *“vamos deixar o Lula Molusco orgulhoso!”* Bob Esponja aparece ocupando o lugar do Lula Molusco, como regente, e começa o ensaio.

Há um corte na cena e aparece a Bolha. Lula queixa-se por sua banda não estar lá e terem que achar outra banda para tocar. Ele toma um susto ao perceber que seu amigo o está esperando. O amigo fala: *“eu só queria ver o seu fracasso. Bem, onde está a sua Banda?”* Lula responde que os participantes da banda morreram, mas se surpreende ao ver que a banda está logo atrás dele. Bob anuncia que eles estão prontos para tocar e o amigo de Lula diz: *“sabe, Luloso, é exatamente como eu imaginava que seria a sua Banda”*. A cena muda para Bob Esponja dançando de maneira estranha, maluca. E Lula fica com cara de triste, como fracassado.

Lula comenta: *“acho que é a última vez que poderei mostrar minha cara nessa cidade!”* Bob Esponja achando que o amigo está falando bem da banda, diz: *“Esse é o espírito!”*. Nessa cena é possível perceber a diferença entre os dois líderes, Lula Molusco que não acredita e não deseja a mudança, e Bob Esponja está apostando na mudança.

Em um grupo podemos ter um líder da resistência, que pode ser figurativizado por Lula Molusco que não acredita no grupo; ou um líder da mudança que aparece aqui com o Bob Esponja. No episódio é possível perceber a diferença em suas atitudes. Enquanto Lula se coloca como superior ao grupo, como não pertencendo aquele coletivo, Bob Esponja cria uma

situação de pertencimento ao grupo, quando faz os membros acreditarem que se todos cooperarem, podem formar uma banda. Com a sensação de pertencimento, cria-se uma ação cooperativa no grupo que o impulsiona para a pertinência de realizar uma determinada ação.

Todos se colocam no palco, o qual se projeta para um andar superior. Aparecem imagens de pessoas e locais reais e não em desenho. O cenário da Bolha é um estádio de futebol americano, que está lotado. O narrador anuncia a banda da Fenda do Bikini e o foco desloca-se para a plateia, que começa eufórica a gritar.

Nervoso e ainda resmungando Lula assume a regência e inicia o concerto. Surpreende-se, então, com a banda que começa a tocar a música *Sweet Victory*, de David Glen Eisley, e com Bob Esponja que canta, dublando o cantor. Foco na plateia que acompanha o ritmo da música com pequenas luzes, tal como acontece em shows contemporâneos. Lula Molusco vê seu amigo desmaiar de inveja e, percebendo a satisfação do público, fica feliz e orgulhoso por reger a banda. Nesse momento, aparecem na tela vários efeitos especiais de pirotecnia, acabando assim o episódio.

Nesta análise pode-se constatar, portanto, que o episódio enfoca a formação de um grupo versus os interesses individuais de cada participante; as estratégias de tentação utilizadas para manipular o desejo dos personagens os fazendo aderir ao convite; e as diferenças entre uma liderança que não acredita no grupo e outra que investe no seu crescimento.

2.1.2 Leituras das crianças

Em *Doidos pela Banda*, as questões específicas relacionadas à temática abordaram a formação de grupos, o trabalho em grupo e a constituição de bandas, com isso surgiu o questionamento: como é trabalhar em grupo?

Após assistirem ao episódio, as crianças comentaram que o desenho “é sobre a banda”, “o Lula Molusco não podia fazer a banda com eles”, “no começo do episódio, o Lula Molusco não tinha banda, daí o Bob Esponja formou a banda, porque ele falou com todo mundo”, “o Lula Molusco enganou aquele homem, que tipo meio que achava que a Banda ficou um fracasso, daí até que o Bob Esponja meio que reanimou todo mundo e aí ele que reformou a banda, fez uma coisa nova na banda. Daí na hora na Bolha, o Lula Molusco achava que ia ser um fracasso e foi um sucesso”.

As crianças listam os personagens que aparecem, nomeando-os. Ao serem perguntadas sobre o lugar em que a história do desenho transcorre, elas disseram que era “no mar”, “na Fenda do Bikini”, “na Bolha”, “num campo de futebol americano”. E antes em que lugar eles estavam ensaiando? “Num galpão”.

Sobre os sons que aparecem no episódio, as crianças disseram que tem “música”, “fala”. Em português ou em outra língua a fala? “Em português”, “Falam em português e cantam em inglês”. Ao serem perguntadas se tinha palavras escritas respondem: “não”, “tem”, “nas placas do Siriguejo”. E como vocês sabem o que está escrito? “Porque ele fala”.

A respeito das tomadas de cenas, as crianças foram questionadas por que em alguns momentos os personagens aparecem mais de perto e em outros momentos mais de longe? “Fica mais perto quando estão falando ou cantando, normal, fica mais perto”. E vocês viram que tem uma hora em que aparecem imagens de pessoas no desenho. Por que será que colocaram essas imagens? Como fizeram? “No Estádio de Futebol, aparecem os torcedores”. “Fizeram uma montagem”, “naquela hora em que estavam na Fenda, na Bolha, eles estavam num campo de futebol, e toda aquela multidão ali que estava em volta da Bolha, daí eles botaram aquilo”. Como é a montagem? Como é que eles fazem? “No computador”, “no Youtube”, “tem algumas coisas que são montadas, pelo computador”, “dá pra mudar foto”, “é que nem o futebol, que é montado por várias pessoas. Que nem os times”.

Ao perguntar se alguém toca algum instrumento, vários disseram tocar: “guitarra”, “flauta”, “pandeiro”, “violão”, “teclado”, “bateria”. Sobre a constituição de um grupo, sobre como é trabalhar em grupo, as crianças disseram: “Depende, depende dos companheiros. Se eles trabalham e não implicam... Daí é legal”. Vocês trabalham em grupo na aula? “Às vezes”. São vocês que escolhem os grupos? “Não, é a professora”, “não a gente monta”. E os grupos são formados só por meninas, só meninos ou são mistos? “Às vezes é misto, às vezes não é. Foi só um que fez e os outros só se organizaram e leram. Ninguém fez nada, só um”. E vocês gostam de trabalhar em grupo ou não? “Depende do trabalho... Se tiver gente inteligente é legal, se tiver gente burra não”. E o episódio do desenho, vocês acham que foi feito só por uma pessoa ou por um grupo? “Por um grupo”, “muitas vozes diferentes”. Vocês viram que tem que ter um líder no grupo? Quem era o líder em Doidos pela Banda? “Tinha o Lula Molusco”, “o Bob Esponja”. Em um grupo as pessoas podem discutir, mas tem uma que representa o grupo, ou que articula o grupo. “O líder”. E vocês têm um líder no grupo, na aula? “Não”.

2.2 O meu belo cavalo marinho

Esse episódio começa anunciando que é primavera na Fenda do Bikini e mostra Bob Esponja plantando flores antialérgicas para Lula Molusco, porém cada vez que “tira os olhos” das plantas para regá-las, elas somem. Ele resolve ficar observando-as fixamente para ver o que acontece, até que descobre que é um cavalo marinho que as come. Fica encantado com o cavalo marinho e resolve assumi-lo como animal de estimação, tomando-o por seu melhor amigo. Bob resolve levar o animal para o trabalho, mas Seu Siriguejo não quer o animal por perto para não espantar os clientes. Para evitar problemas, Bob tenta esconder o cavalo marinho e ensinar-lhe bons modos, mas o cavalo não o obedece, come os hambúrgueres, os utensílios da cozinha e tudo o que vê pela frente. Os clientes do Siri Cascudo começam a reclamar dos pedidos atrasados (que o cavalo comeu) e Seu Siriguejo quer saber o que está havendo na cozinha. No meio da confusão o cavalo passa mal de tanto comer e Seu Siriguejo descobre que Bob Esponja não se desfez do bicho. Resolve, então, contar-lhe a história de como perdeu seu melhor amigo (uma nota de um dólar), na tentativa de que ele deixe o animal livre na natureza. Finalmente, ao mostrar para Bob que o cavalo está triste e doente porque sente falta dos espaços livres e das pradarias, Siriguejo convence Bob a soltá-lo, a deixá-lo ir embora. Porém, Lula Molusco avisa Seu Siriguejo que o cavalo comeu seus dólares também, o que o faz sair correndo atrás do animal. Assim termina o episódio, que tem duração de 11 minutos e 30 segundos.

Ao analisarmos o episódio observamos, na cena de abertura, o título “*My pretty seahorse*” em letras grandes, na cor magenta, que contrasta com o fundo verde-água estampado com flores amarelas de contorno roxo. A música que acompanha esta cena dá uma sensação de leveza, de alegria e descontração. Em áudio, o narrador diz o título em português: “O meu belo cavalo marinho”.

Em seguida, o narrador noticia que chegou a primavera na Fenda do Bikini e no cenário aparecem algas e plantas marinhas, tudo bastante colorido com algumas flores desabrochando. Ao fundo podemos ouvir uma música instrumental e também sons de pássaros, reforçando a ideia de primavera, em que há o reflorescimento da flora e a proliferação da fauna. O narrador observa, ainda, que as criaturas marinhas que ali vivem sentem de forma natural as mudanças da estação, como a estrela do mar (Patrick), que

examina rapidamente o ambiente e sabe que ela chegou, guardando seu casaco para o próximo inverno.

Na próxima cena, aparece Bob Esponja abrindo a porta de sua casa, sentindo o cheiro do ar e comentando: *“É melhor chamar um médico. Estou com a febre da primavera!”* Ele caminha e dá bom dia para as plantinhas no chão. Lula Molusco sai de casa e Bob diz: *“Bom dia Lula Molusco! Não está um belo dia?”* Lula, sem muita animação responde um “é”. Bob pergunta se ele já deu um “alô” para as flores. Lula, então, se aproxima de algumas flores e diz bom dia, porém elas revidam de forma violenta como se estivessem grunhindo para ele, que sai correndo de volta para casa.

Bob conclui que Lula Molusco tem a febre da primavera e que precisa plantar flores antialérgicas para ele. As alergias primaveris são comuns quando chega esta estação do ano, por se tratar da época de polinização das plantas e do aumento da quantidade desses grãos no ar, transportados pelo vento e pelos insetos.

Aparece, então, Bob Esponja plantando uma flor no chão. Vira-se para pegar o regador e, quando se volta para a planta, resta somente o caule da mesma. Bob faz uma expressão de dúvida e começa imediatamente a plantar outra flor. O processo se repete e ele fica assustado, pega outra flor e diz que não vai tirar os olhos dela. Passam-se três dias e Bob já está com os olhos ressecados de tanto olhar a planta. Neste momento seu amigo Patrick passa por perto e Bob vira-se para cumprimentá-lo. Quando se volta, novamente a flor não está mais ali. Indignado ele se pergunta por que isso não pára de acontecer. Ouvindo um ruído, olha para cima e vê um animal verde comendo a flor. Ao cumprimentá-lo o animal relincha alto e foge. Os olhos de Bob brilham achando-o lindo e ele exclama: *“Que maravilha de cavalo-marinho! Eu vou domá-lo, quem sabe o que podemos conseguir!”*.

O deslumbramento causado pela aparição do cavalo marinho é evidente e começa aí uma aproximação para amansar o cavalo. Bob passa a observá-lo atentamente e sua figura exótica, assim como seu comportamento misterioso, deixam-no fascinado. Durante sua observação, Bob faz a seguinte anotação: *“Por causa de seu comportamento misterioso eu resolvi chamá-lo de Mystery”*. Cogita a possibilidade de outros nomes como Rob ou Gracioso, mas ao vê-lo relinchando volta sua atenção para o cavalo, que nota o marcador de página em formato de flor da sua agenda. Com isso, Bob tenta atrai-lo para perto, lhe oferecendo o marcador e dizendo que não precisa ter medo.

O cavalo se aproxima aos poucos e de repente morde o marcador. Nesse instante inicia uma música e no cenário, flores caem do céu. Bob está muito alegre, corre, brinca e faz bolhas de sabão com o animal. Começa, assim, uma amizade entre os dois, que saem juntos, trocam figurinhas, fazem compras e, quando a noite chega, Bob cede sua cama para o cavalo dormir. Deitado no chão ao lado da cama, ele diz: *“Puxa Mystery, foi o melhor dia da minha vida! Você acha que nós vamos ser amigos pra sempre?”* O cavalo, porém, já está dormindo e roncando. Bob considera o barulho produzido pelo cavalo como um “sim”.

A amizade decorrente da aproximação de Bob Esponja com o cavalo marinho refere à relação de domesticação que se estabelece com animais de estimação. O conceito de domesticação diz respeito ao adestramento de um animal a um meio artificial, causando uma perda de suas características naturais. Em estado selvagem, os animais procuram se defender e aprendem a desconfiar de outros animais, mas através do processo de domesticação esse comportamento muda, fazendo com que uma espécie animal se acostume a viver e a interagir com as pessoas.

Nota-se, pois, que não é fácil e rápido domesticar um animal selvagem, muito pelo contrário. E, mesmo ocorrendo a domesticação, pode haver uma resistência e longos processos de adaptação ao novo meio em que o animal passa a ser inserido. No desenho, Bob quer domesticar o cavalo marinho, pois acha que ele pode lhe ser útil para alguma coisa, o que fica evidente na seguinte fala: *“Que maravilha de cavalo-marinho! Eu vou domá-lo, quem sabe o que podemos conseguir!”*.

Amanhece na Fenda do Bikini e Bob Esponja passeia com o cavalo marinho em alta velocidade. Chegando ao Siri Cascudo, Bob amarra o cavalo marinho na frente da lanchonete dizendo para ele o esperar até o fim do dia. Logo, Seu Siriguejo sai da lanchonete e ao ver o cavalo diz: *“Ah, um monstro espantando minha freguesia!!”*, mas Bob Esponja aparece e diz que não é um monstro e sim um cavalo que é seu amigo e que se chama Mystery.

Siriguejo revida dizendo que o próprio Bob é um mistério e que deve se livrar do cavalo. Bob contrariado se ajoelha no chão e implora para que o cavalo fique, pois não vai machucar ninguém. Seu Siriguejo firme em sua posição diz: *“É você ou ele”*. Bob Esponja não se livra do cavalo e tenta escondê-lo na cozinha até que acabe o expediente. Coloca-o em um armário e fecha as portas. Continua assim, uma tentativa de domesticá-lo, privando o animal da liberdade.

A cena muda e Bob Esponja aparece grelhando hambúrgueres na cozinha da lanchonete. Seu Siriguejo aparece na porta e agradece por ele ter se livrado do cavalo. Bob, que tinha ficado olhando para ele com um olhar triste e choroso, retira os olhos falsos que colocou para enganar o Seu Siriguejo, vai ao encontro do cavalo que está escondido dentro de um armário apertado e diz para o animal: *“É, funcionou, garoto. Vou te manter aqui atrás até o Patrick terminar o estábulo que pedi para ele fazer”*.

Volta a cena para a lanchonete, com Bob Esponja dizendo para o cavalo marinho que faltam só oito horas para o final do expediente. Coloca, então, o animal novamente no armário e sai correndo para realizar suas tarefas. Em áudio, o narrador lê: *“Doze segundos depois”*, e o foco mostra o cavalo abrindo a porta do armário.

Neste momento aparece Bob dizendo para ele não sair de lá, pois pode perder o emprego, e lhe oferece um sanduiche de hambúrguer. O cavalo cheira e rapidamente come o alimento, para em seguida relinchar mostrando os dentes. Bob pede a ele para não relinchar, não fazer barulho. Provocado pelo ruído, Seu Siriguejo aparece na porta perguntando se o cavalo está ali. Bob Esponja nega dizendo que estava apenas imitando Mystery e emite um som que se assemelha ao do cavalo. Seu Siriguejo diz que a imitação está horrível e sai fechando a porta.

Depois disso, Bob suspira e diz: *“Essa foi por pouco!”* e ainda: *“De agora em diante chega de barulho. Pedido saindo!”* Então coloca uma bandeja com três hambúrgueres em cima da janela de pedidos. O cavalo marinho aparece e come todos os sanduiches. Quando Lula Molusco vem buscá-los, a bandeja está vazia. Ele pergunta, então, para Bob Esponja onde estão os pedidos. Bob procura embaixo da bandeja, não havendo nada, Bob conclui que o Siri Cascudo está mal assombrado. Fica com medo e sai correndo em direção à porta, mas Lula o impede dizendo que não tem fantasma ali e resolve explicar como funciona: *“Eu recebo o pedido, você prepara a comida e o freguês recebe a comida, fazemos isso quarenta anos e aí morremos! Para mim parece uma coisa interessante o que você acha?”*.

Enquanto Lula estava falando, Bob observa ao fundo que o cavalo marinho está no meio da lanchonete comendo o lanche dos clientes. Sai correndo, pega o cavalo e o leva para a cozinha. Lula interroga sobre o que está acontecendo e Bob Esponja pede para que ele não conte para o Seu Siriguejo. Diz que está tudo sob controle e tenta retomar o assunto anterior, Lula que está na porta olhando para ele assustado apenas diz que ele deve trazer o pedido. Bob Esponja concorda, sorri e no mesmo momento o cavalo come um pedaço do seu chapéu.

Bob percebe que Mystery comeu sua espátula, os hambúrgueres, o fogão e até o velho Dickens.

Percebe-se que o cavalo não obedeceu a regra colocada por Bob Esponja, para que não saísse do armário. Assim, transgrediu-a, saindo de lá de dentro, comendo tudo que enxergava pela frente e causando a maior confusão. O cavalo-marinho é um gênero de peixe que vive em águas temperadas e tropicais (por isso ele aparece no episódio na primavera, quando as águas estão mais quentes) e sua reprodução acontece nessa mesma época. Possui uma cabeça alongada com filamentos que lembram a crina de um cavalo e, como não tem o costume de ir atrás do alimento, come o que passar por ele. Isto explica o fato dele comer tudo o que estava na sua frente, durante todo o episódio.

Na lanchonete cria-se uma grande confusão com os clientes reclamando o atraso nos pedidos, pois estão com fome e pressa. Seu Siriguejo aparece e quer saber o que está acontecendo, vai até a porta da cozinha e arregala os olhos ao ver a cena em que o cavalo-marinho está deitado, envolto em um cobertor, e Bob está lhe dando um copo de bicarbonato de sódio para aliviar seu enjôo, de tanto comer hambúrguer.

Seu Siriguejo limpa os olhos, percebe que tudo está realmente acontecendo e questiona o fato de Bob não ter-lhe obedecido quando solicitou que se livrasse do cavalo. Agora é ele quem vai se livrar do cavalo marinho “*de uma vez por todas*”. Bob começa a chorar e implora para que Seu Siriguejo não o afaste de Mystery, pois ele não é só um cavalo, ele o entende e o ouve, é também seu melhor amigo. Seu Siriguejo se manifesta dizendo que a história tocou o seu coração, afinal ele sabe o que é abandonar o melhor amigo e conta que quando tinha cinco anos seu pai havia lhe dado um dólar, que ele adorava e que iam a toda parte juntos, mas que um dia na praia estava muito quente e ele gastou o dólar comprando uma soda, com isso chora emocionado lembrando de seu melhor amigo.

Seu Siriguejo tenta explicar que o animal está daquele jeito, pois sente falta das pradarias e espaços abertos e que a cozinha não é lugar para um cavalo. Mostra para Bob Esponja que ele o entende e compartilha desse sentimento de perda de um grande amigo, usando da sua persuasão para fazer com que Bob aceite deixar livre o cavalo-marinho.

Bob Esponja finalmente concorda e chorando pega as rédeas do cavalo e o leva para fora. Solta e choramingando vira-se de costas se despedindo dele dizendo que pode ir embora, pois pertence à natureza e começa insultá-lo na tentativa de fazê-lo sair, achando que o animal

ainda estivesse ali. Neste momento Seu Siriguejo aparece dizendo que ele fez a coisa certa, que não deviam separar o animal de seu habitat natural.

Lula Molusco chama a atenção do Siriguejo ironizando: “*Ei seu Siriguejo, parece que o cavalo comeu uma salada depois da janta!*” e aponta para algumas notas de dólares mordidas. Imediatamente Siriguejo grita: “*Peguem aquele cavalo!*” E assim termina o episódio, com Bob Esponja e Seu Siriguejo correndo e gritando atrás do cavalo marinho. Depois de fazer com que Bob Esponja libertasse o animal, Seu Siriguejo é quem quer o animal de volta, mas somente para recuperar seus dólares comidos pelo cavalo, demonstrando assim, sua ganância por dinheiro.

Na análise do episódio *O Meu Belo Cavalo Marinho*, observa-se que foco recaiu nas relações entre domesticação e cerceamento versus selvageria e liberdade, figurativizadas na amizade de Bob Esponja com o cavalo marinho.

2.2.1 Leituras das crianças

Após assistirem ao desenho, as crianças comentaram: “O Bob Esponja encontrou um cavalo depois teve que abandonar ele”. “E o Bob Esponja abandonou o cavalo marinho porque ele era da natureza”.

As crianças mencionaram os principais personagens que aparecem no episódio e situaram o local onde a ele se desenrola: na Fenda do Bikini. Ao serem questionadas sobre o que mais gostaram no episódio, elas disseram: “Eu gostei quando ele encontrou o cavalo marinho”, “eu gostei quando eles estavam imaginado com os cabelos voando”, “eu gostei da parte quando o cavalo comeu todo o dinheiro do Siriguejo. Uma saladinha”.

Neste episódio, as perguntas específicas sobre sua temática envolveram discussões sobre animais de estimação. Questionamos quem tinha animal de estimação. Muitos levantam a mão. “Eu tinha, mas morreu”. E que bichos de estimação vocês têm? “Cachorro”, “um cachorro”, “eu tenho dois gatos e um cachorro”, “uma cadela”, “eu tenho uma cachorra e um gato”, “eu tenho dois cachorros e dois gatos”, “eu tive dois papagaios, treze peixes e um cachorro que a mulher perdeu lá”, “eu tenho quinze gatos”.

Que cuidados os bichinhos precisam? “Carinho, atenção, comida”, “tomar banho”, “cuidado”, “água”, “atenção”, “vacina”. O que não se pode fazer com o bichinho de estimação? “Maltratar, bater”, “ficar sem dar comida”.

Ao serem questionadas a respeito da música no episódio, as crianças disseram: “não tem música”, “tinha. Tinha, quando ele viu o cavalo marinho”. E em mais algum momento tinha música? “Não”. E tinha som? Qual a diferença entre som e música? “A música canta”, “som é um som”, “som é mais um barulho”, “uma música tem que ter mais coisas”. Uma criança diz que “som e música têm tudo a ver porque a música tem que ter um som”, “quando uma pessoa canta ela vai no ritmo do som”.

Sobre a presença de palavras escritas no desenho, as crianças disseram que “tem palavras escritas”, “tem o nome do episódio”, “na caixa que aparece”. Por que será que em alguns momentos aproximam mais a câmera do rosto do Bob Esponja? “Quando eles estão falando”, “é para ver quem está falando”, “dá para dar zoom”.

2.3 Vizinhos náuticos terríveis

O episódio *Vizinhos Náuticos Terríveis (Naughty Nautical Neighbors)* inicia com Lula Molusco feliz em sua casa se preparando para jantar o soufflê que acabara de fazer, quando risadas vindas de fora da cena começam a irritá-lo. Trata-se de Bob Esponja e Patrick que estão brincando de fazer bolhas de sabão, em frente a sua casa. Para jantar sossegado, com silêncio e tranquilidade, resolve, então, acabar com a brincadeira, provocando desentendimentos e intrigas entre eles. Em conflito um com o outro, Bob Esponja e Patrick brigam e, em seguida, procuram se aproximar de Lula Molusco, disputando para se tornar seu melhor amigo. Lula Molusco não quer amigos e cansado dos assédios dos dois, promove uma reaproximação de Bob Esponja e Patrick para poder ficar sozinho, sem perturbações.

O recorte que interessa analisar, neste episódio, diz respeito às situações de ciúmes protagonizadas por Lula Molusco, tendo por objeto o sossego; e as encenadas por Bob Esponja e Patrick, em que o objeto de valor é Lula Molusco. São três as situações que destacamos para este exercício de leitura.

Na primeira, Lula Molusco aparece alegre com um avental e um chapéu de cozinheiro exclamando: “*Uau! Lula Molusco este é o melhor soufflê que você já inventou nos últimos tempos!*”. A câmera se afasta e situa a cena na sala da casa de Lula Molusco, onde se pode ver uma mesa redonda e duas cadeiras de espaldar alto. Lula diz: “*Meus parabéns, chefe*”. Sai de cena, vai tomar banho e trocar de roupa, o que é indicado tanto de modo visual como sonoro pelas peças que são lançadas na sala; pelo vapor e pelos respingos de água que caem na sala; e

pelo som de uma pessoa escovando os dentes. Lula aparece, então, na sala com calça listada, casaca, lenço vermelho, sapatos e cabelo escuro, simulando uma peruca. Senta-se na cadeira e ouve uma risada contida. Pega os talheres para saborear o suflê e ouve novamente a risada contida. Fica profundamente irritado e vai, então, até a janela para ver do que se trata.

Nessa situação, Lula Molusco inicialmente encontra-se feliz, em conjunção com seu bem mais precioso: o sossego. Depois entra em disjunção com seu objeto de valor, ao perdê-lo por perturbações externas. Durante todo o episódio o personagem busca entrar em conjunção novamente, reaver seu sossego a qualquer custo. Pode-se pensar, também, que há uma relação de ciúme em que Lula Molusco é o sujeito ciumento, o objeto de valor é o sossego e os rivais são Bob Esponja e Patrick que provocam a perda do objeto. Lula não deseja ter a companhia e a amizade dos dois e, tão pouco, está irritado por não ter a relação de amizade deles.

A outra situação que recortamos para analisar mostra Bob Esponja sentado no chão, à esquerda do caminho que conduz à casa de Lula Molusco, fazendo bolhas de sabão e Patrick, à direita, rindo das bolhas. Bob Esponja faz uma bolha que, ao tocar em Patrick, estoura e em áudio se ouve a voz de Bob Esponja dizendo: “*Oi, Patrick*”. Patrick ri, fica com as bochechas vermelhas, faz uma bolha e quando essa chega em Bob Esponja, sua voz em off enuncia: “*Oi, Bob Esponja*”. Bob Esponja ri, coloca as mãos na boca, como para esconder o riso, faz outra bolha e em áudio se ouve ele dizendo em voz baixa: “*Patrick, você é o meu melhor amigo na vizinhança*”.

Lula Molusco, que está em sua casa incomodado com o barulho, resolve participar da brincadeira, sem que os dois percebam, fazendo bolhas de sabão endereçadas ora a Bob ora a Patrick com o intuito de provocar intrigas entre os dois. Faz uma bolha e a envia a Patrick como se fosse de Bob Esponja. Nesse momento a voz de Lula em off comenta: “*Patrick, você é o maior idiota que eu já tive a infelicidade de conhecer*”.

Patrick entristecido pergunta em voz baixa: “*Você acha isto mesmo, Bob Esponja?*” Como o amigo não responde ele repete a pergunta. Bob, sem saber o que Patrick tinha ouvido, responde: “*É claro, Patrick, qualquer um com olhos pode ver*”. Em seguida, outra bolha enviada por Lula Molusco estoura em Bob e escuta-se ao fundo a voz de Patrick: “*Bem, eu acho que você é feio. Amarelo é feio*”. Bob que estava alegre faz uma expressão de estranhamento, de alguém que ficou desconcertado, figurativizada em uma careta.

Corta a cena para dentro da casa de Lula e aparece ele rindo com as mãos na boca, como para esconder o riso. O foco agora está em Patrick, que irritado diz: “*Isto te faz ser um grande idiota!*” Corta para Bob Esponja que esbraveja: “*Ah! Isto quer dizer que você também é*”. E Patrick responde: “*E você é um peru amarelo!*”. Enquanto os dois brigam, Lula Molusco aparece ao fundo da cena, feliz, com uma cadeira de praia, boné, camiseta e seu suflê.

Aparecem, aqui, relações de amizade e de hostilidade permeadas pelo ciúme entre os personagens. O ciúme, conforme Greimas e Fontanille (1993, p.171), refere-se a uma paixão intersubjetiva, que envolve um sujeito, um objeto de valor e um rival. Estabelecem-se interações duais entre estes três actantes. Nessas relações há o temor do sujeito de perder o objeto de valor para um rival, real ou imaginário, e o temor do rival nasce da presença do objeto de valor que funciona como pivô.

Segundo os autores, “os ciúmes, podem ser, desse ponto de vista, tanto uma depressão e um sofrimento quanto um temor e uma angústia, conforme o acontecimento decisivo seja anterior ou posterior à crise passional” (GREIMAS; FONTANILLE, 1993, p. 171). Quando a junção do rival com o objeto é captada pelo sujeito antes de sua ocorrência, a relação de rivalidade suscita o temor. “Trata-se, então, de vigiar o outro, de frustrar suas abordagens, de desviá-lo do objeto, de açambarcar este último para excluir o rival” (GREIMAS; FONTANILLE, 1993, p. 172).

No entanto, “se o acontecimento é captado tardiamente, é evidente que, para o ciumento, a menos que procure vingar-se, não há mais grande coisa por fazer com relação ao rival; em compensação, a relação de apego passa para o primeiro plano” (GREIMAS; FONTANILLE, 1993, p. 172).

Na encenação do ciúme, apego e rivalidade contracenam como protagonistas. O apego correspondendo à relação do ciumento com seu objeto, que pode ser de desejo, zelo e inveja. E a rivalidade, à relação de disputa entre o ciumento e seu rival, que envolve a comparação de competências, a concorrência e a competição.

Neste recorte do episódio, a configuração do ciúme que podemos observar envolve de Lula Molusco (sujeito ciumento), o sossego (objeto de valor) e Bob Esponja e Patrick (rivais). Nessa configuração, já ocorreu a perda do objeto de valor e Lula Molusco demonstra tanto apego, por querer reencontrar seu sossego, como vingança, ao procurar destruir a relação entre Bob Esponja e Patrick.

A terceira situação, mostra Lula Molusco chamando Patrick de amigo, por ter-lhe salvado a vida, enquanto Bob Esponja os observa de sua casa. Patrick, ao perceber que Bob os observa, abraça Lula e o acompanha até sua casa, fazendo parecer que é amigo íntimo de Lula. Diz que gosta de ouvi-lo tocar clarinete, apesar de dormir durante a audição. Corta a cena e mostra Bob Esponja, em sua casa, triste por não ter amigos. Ao perceber que Patrick estava dormindo, Lula o arrasta para casa e, por isto, acaba com dores nas costas. Bob Esponja se oferece, então, para curar suas dores e Lula, em agradecimento, diz que ele é amigo de verdade. Contente, Bob Esponja, abraça Lula Molusco, vai até sua casa, critica Patrick por ter dormido e se propõe a tocar violoncelo para Lula. Neste momento, Patrick aparece e diz que o Lula Molusco gosta mais dele do que do Bob Esponja, o que faz com que Bob fique enfurecido e quebre o violoncelo no chão. Lula Molusco o expulsa de sua casa e vai tomar um banho, mas ao chegar no banheiro se assusta ao ver Patrick em sua banheira. Bob Esponja aparece na janela e, ao ver “*seu melhor amigo*” (Lula) e “*seu ex-melhor amigo*” (Patrick), começa a discutir com Patrick disputando quem é o melhor amigo de Lula. Para fugir dessa disputa, Lula cria um plano para unir Bob Esponja e Patrick.

Nessa situação, interessam as rivalidades entre Bob Esponja e Patrick para ver quem vai se tornar o melhor amigo de Lula Molusco. Outra configuração do ciúme aparece aqui, a qual diz respeito às relações duais entre Bob Esponja, Lula Molusco e Patrick. Ora Bob Esponja é o sujeito ciumento e Patrick, o rival, que competem na conquista de Lula Molusco. Ora as posições se invertem e Bob Esponja figura como rival e Patrick, como o ciumento.

Além do ciúme, do temor de perder o objeto de valor para o rival, há, também, a inveja, ou seja, o desejo de querer o que outro tem. Conforme Greimas e Fontanille (1993, p. 176), a inveja pode se manifestar de duas maneiras: como “um sentimento de tristeza, de irritação ou de ódio que nos anima contra quem possui um bem que não temos (...); e como “o desejo de gozar de uma vantagem, de um prazer igual ao de outrem”. Nessa concepção, a inveja pode se manifestar tanto de modo disfórico e negativo, como de modo eufórico e positivo. Bob Esponja e Patrick manifestam inveja nestes dois modos, seja um odiando o outro por estar com Lula Molusco, seja desejando ter Lula como amigo.

Os efeitos de sentido apreendidos nas situações do episódio indicam ambiguidades nas relações entre os personagens. Inicialmente, as atitudes de Lula Molusco podem significar ciúme da amizade entre Bob Esponja e Patrick, mas depois percebe-se que seu objeto de valor é o sossego. Já o ciúme entre Bob Esponja e Patrick pode ser entendido tanto numa relação

entre amigos, como entre companheiros. Foi possível, também, perceber reiterações na repetição das situações de ciúme. Aparecem, ainda, redundâncias na interação entre as linguagens visuais e sonoras, as quais provocam pelo excesso efeitos cumulativos para ressaltar o ciúme e a inveja entre os personagens.

2.3.1 Leituras das crianças

Em *Vizinhos Náuticos Terríveis*, questionamos o ciúmes nas relações de amizade discutindo por que Lula Molusco queria separar os amigos. No episódio Patrick queria ser o melhor amigo de Lula Molusco e Bob Esponja também. Dá para um pessoa ter mais de um melhor amigo? Para ser amigo é preciso gostar das mesmas coisas ou pode gostar de coisas diferentes?

Ao mencionarem o título do episódio uma criança disse que era “Vizinhos irritantes”. Quanto às palavras, elas disseram que tem palavras “no título”, “é sempre em inglês que começa”. Depois comentaram acerca do que mais gostaram: “Eu gostei da parte que eles tomaram um montão de suco”, “eu gostei da parte quando eles estavam rompendo de tanto suco”, “eu gostei da parte que eles voltaram a ser amigos”, “eu gostei da parte em que eles explodiram a casa”.

Sobre a história do episódio, as crianças disseram que ele trata “das bolinhas de sabão, que daí eles vão trocando falas um do outro pelas bolinhas de sabão. Daí o Lula Molusco começou a tocar as bolinhas de sabão dele que falava mal dos dois”, “o Lula Molusco separou os dois amigos porque ele não queria escutar o que eles estavam falando”, “ele queria comer o suflê dele”.

A respeito dos sons nesse episódio, as crianças apontaram que “tem som”. Que sons aparecem no desenho? “Das risadas”, “das bolhas estourando”, “quando ele toca aquela coisa que parece um violino”, “aquilo é tipo um violão”, “violino”, “violoncelo”.

O episódio fala de ter amigos. É bom ter amigos? Por que é bom ter amigos? “Porque tu brinca com eles”, “para conversar”, “para ajudar uns aos outros”, “para não ficar sozinho no recreio”, “para se divertir”, “para conversar, escutar, dar conselho”. Dá para ser melhor amigo de mais de uma pessoa? “Dá”, “depende da pessoa”, “às vezes uma pessoa pode pensar que um gosta mais de um que de outro”, “eu tenho dois melhores amigos, mas eles não se dão”, “eu tenho dois melhores amigos, mas aí eles podem brigar com o outro porque eles não

querem que eu tenha dois melhores amigos. Eles querem que eu prefira um ou o outro”, “eu tenho dois melhores amigos e não tem problema porque os dois são irmãos”, “dá mais ou menos para ser melhor amigo de mais de uma pessoa porque às vezes a pessoa dá mais atenção para um do que para o outro”.

Para ser amigo é preciso gostar das mesmas coisas ou pode gostar de coisas diferentes? “Pode gostar de coisas diferentes”, “não porque ninguém tem o mesmo gosto, e ninguém é igual a ninguém”, “então quer dizer que todos podem ser amigos com gostos diferentes”.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo discutimos a presença marcante da mídia televisiva no dia a dia dos brasileiros e a importância de ler criticamente suas narrativas procurando apreender seus efeitos de sentido. Salientamos que é papel da educação fornecer instrumentos que auxiliem a conhecer as especificidades da linguagem audiovisual, identificando o modo como as diversas materialidades visual e sonora se articulam para construir um discurso.

Enfocamos leituras de uma criação audiovisual contemporânea exibida na televisão, ao analisarmos três episódios do desenho animado *Bob Esponja Calça Quadrada*, e as significações que um grupo de crianças lhes atribuiu. O referencial teórico e metodológico da semiótica discursiva possibilitou desconstruir estas produções e reconstruí-las, compreendendo seus efeitos de sentido. Através do método do grupo focal, promovemos trocas de ideias entre as crianças que propiciaram conhecer o que e como elas lêem os episódios do desenho animado.

Na análise dos episódios descrevemos suas qualidades sensíveis e as temáticas abordadas em cada um deles. Percebemos que *Doidos pela Banda* focaliza a problemática envolvida na constituição de um grupo, as convergências e divergências dos interesses dos participantes; as estratégias de tentação utilizadas para formar a banda; e os tipos de liderança que retraem ou impulsionam o grupo a realizar uma ação cooperativa. Em *O Meu Belo Cavalo Marinho* observamos uma encenação relativa às relações entre domesticação e cerceamento versus selvageria e liberdade, as quais aparecem figurativizadas na amizade de Bob Esponja com o cavalo marinho. Os três momentos de *Vizinhos Náuticos Terríveis* analisados enfocam situações de ciúmes, apego, rivalidade e inveja protagonizadas por Bob

Esponja, Patrick e Lula Molusco na disputa seja pelo melhor amigo, seja por sossego e tranquilidade.

Ao ler essas produções, as crianças mencionaram o que mais lhes chamou a atenção em cada um dos episódios; comentaram aspectos específicos da linguagem audiovisual, como a montagem, as tomadas de câmera, as diversas materialidades verbais, visuais e sonoras que a compõem; e ao discutir as temáticas centrais, trouxeram fatos do seu cotidiano.

Algumas possibilidades de leitura de criações da mídia podem ser vislumbradas nas análises realizadas, tais como a identificação das diferentes linguagens envolvidas; o modo como visualmente elas se apresentam quanto as suas cores, formatos, proporções e disposição espacial nas cenas; suas qualidades sonoras; as relações que tais elementos visuais e sonoros criam; os temas enfocados e suas articulações com as discussões contemporâneas e com os interesses dos alunos.

Neste texto ressalta-se, portanto, a importância de refletirmos sobre a visualidade contemporânea na escola, especificamente sobre produções audiovisuais da mídia televisiva, tratando de ler suas narrativas, apreender seus efeitos de sentido, bem como compreender as leituras que as crianças fazem ao interagirem com tais produções.

EDUCATION AND MEDIA CARTOON READINGS IN SCHOOL

Abstract

This article seeks to problematize the reading of contemporary visuality in school, focusing on the audiovisual creations in the television medium. It analyzes, based on theoretical and methodological references of discourse semiotics, three episodes of the cartoon *Sponge Bob Square Pants*, in regards to effects of meaning produced in the interrelation of the different languages that constitute them, and the meanings children attribute to them. To know the meaning the children gave to the cartoon, a focal group was constituted from a 4th grade Elementary School class that, after watching each of the episodes, expressed their readings of them. By reading these productions, the children related to facts from their daily routine, turning them into themes. The findings show the importance of reflecting on contemporary visuality in school, seeking to gather both the effects of meaning and what the children mean

when they interact with such productions, and signal to possibilities of reading of audiovisual creations.

Keywords: Education; Television Medium; Audiovisual Reading; Cartoon; Childhood

EDUCACIÓN Y MEDIA: LECTURAS DE DIBUJOS ANIMADOS EN LA ESCUELA

Resumen

Este artículo busca problematizar la lectura de la visualidad contemporánea en la escuela, enfocando creaciones audiovisuales de la media de televisión. Analiza, con base en el referencial teórico y metodológico de la semiótica discursiva, tres episodios del dibujo animado *Bob Esponja Pantalones Cuadrados*, en cuanto a los efectos de sentido producidos en la interrelación de los diferentes lenguajes que los constituyen, y las significaciones que los niños les atribuyen. Para conocer las significaciones de los niños, se constituyó un grupo focal con un grupo de 4º. año de Enseñanza Fundamental (la Primaria en Brasil), que, después de ver cada uno de los episodios, expresó sus lecturas. Al leer esas producciones, los niños los relacionaron a los hechos de su cotidiano, tematizándolos. Las conclusiones evidencian la importancia de reflexionar sobre la visualidad contemporánea en la escuela, buscando apreender tanto sus efectos de sentido como lo que los niños significan al interactuar con dichas producciones, y señalan posibilidades de lectura de creaciones audiovisuales.

Palabras clave: Educación; Media de Televisión; Lectura Audiovisual; Dibujo Animado; Infancia

REFERÊNCIAS

ABER, Linda Williams. **O futuro de Bob Esponja Calça Quadrada**. Disponível em: <http://criancas.hsw.uol.com.br/filme-bob-esponja4.htm>. Acesso em: 13 jun. 2013.

ACASO, Maria. **Esto no son las Torres Gemelas: cómo apreender a leer la televisión y outras imágenes**. Madri: Catarata, 2006.

CABRAL, Lara Cristina. **Linha de frente das bandas marciais em Goiânia** – corpo coreográfico - como surgiu e onde estamos? Disponível em:

<http://www.cpgls.ucg.br/7mostra/Artigos/SAUDE%20E%20BIOLOGICAS/LINHA%20DE%20FRENTE%20DAS%20BANDAS%20MARCIAIS%20EM%20GOI%C3%82NIA%20-%20CORPO%20COREOGR%C3%81FICO%20-%20COMO%20SURTIU%20E%20ONDE%20ESTAMOS.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2011.

CARDOSO, Vinícius. **Os 10 anos de Bob Esponja**. Disponível em: <http://revistacrescer.globo.com/Revista/Crescer/0,,EMI83038-15565,00-OS+ANOS+DE+BOB+ESPONJA.html>. Acesso em: 25 jul. 2013.

CARNEIRO, Vania Lúcia Quintão. **Pesquisa na UnB revela o que as crianças e jovens querem ver na TV**. MídiaTiva. Disponível em: <http://www.midiativa.tv/blog/?p=648>. Acesso em: 25 maio 2013.

CARNEIRO, Vania Lúcia Quintão. A TV como objeto de estudo na formação e prática de educadores: prazer e crítica. **Cadernos de Educação**, Pelotas: FaE/UFPel, v. 28, p. jan./jun. 2007. Disponível em: <http://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/viewFile/1800/1680>. Acesso em: 20 jul. 2012.

FECHINE, Yvana; VALE NETO, João Pereira. **Regimes de interação em práticas comunicativas: experiência de intervenção em um espaço popular em Recife (PE)**. Rio de Janeiro: Compós – PUC/RJ, 2010. Disponível em: http://compos.com.puc-rio.br/media/gt4_yvana_fechine_joao_netto.pdf. Acesso em: 5 jun. 2013.

FERRÉS Joan. **Estrategias para el uso de la Televisión**. Disponível em: http://www.lmi.ub.es/te/any95/ferres_cp. Acesso em: 27 mar. 2011.

FREIRE, Madalena. **O que é um grupo?** Disponível em: http://www.iei.org.br/~vanderlei/anteriores/2007/tecnico/rel_humanas2/vida_de_grupo.pdf. Acesso em: 12 abr. 2012.

FUSARI, M. F. de R. e. **O educador e o desenho animado que a criança vê na televisão**. São Paulo: Loyola, 1985.

GONDIM, Sônia Maria Guedes. **Grupos Focais como Técnica de Investigação Qualitativa: desafios Metodológicos**. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-863X2002000300004&script=sci_arttext. Acesso em: 5 set. 2012.

GREIMAS, Algirdas Julien; FONTANILLE, Jacques. **Semiótica das paixões**. São Paulo: Ática, 1993.

MARINHO, Isadora **O que é que o Bob Esponja tem?** SRZD. Disponível em: <http://www.sidneyrezende.com/noticia/@-3578>. Acesso em: 25 nov. 2012.

OLIVEIRA NETO, José Alfredo. **O que é ser “Geek”?** Mundo Hoje. Disponível em: <http://mundohoje.com.br/o-que-ser-geek.html> Acesso em: 26 mar. 2012.

PILLAR, A. D.; EVALTE, T. T.

PILLAR, Analice Dutra. **Apontamentos para Leitura de Desenhos Animados e Videoartes.** In: ANAIS DO 20º ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS. Rio de Janeiro : ANPAP, 2011. p. 295-309.

PILLAR, Analice Dutra . **Contágios entre arte e mídia no ensino da arte.** In: ANAIS DO 19º ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS. Salvador: EDUFBA, 2010. p. 1927-1940. PILLAR, Analice Dutra. **Efeitos de humor em Bob Esponja.** In: ANAIS DO 18º ENCONTRO NACIONAL DA ANPAP. Salvador: ANPAP, 2009. p. 3083-3097. Disponível em: http://www.anpap.org.br/anais/2009/pdf/ceav/analice_dutra_pillar.pdf. Acesso em: 5 dez. 2012.

PILLAR, Analice Dutra. **Desenho animado e gênero: masculinidades em Bob Esponja.** In: PANORAMA DA PESQUISA EM ARTES VISUAIS. 17º ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS. Florianópolis: ANPAP, 2008. p. 888-900.

PIOVEZAN, Pamela **Radio BikinI e os soldados atômicos.** Nuclear: Conhecer para debater. Disponível em: <http://conhecerparadebater.blogspot.com.br/2012/04/radio-bikini-e-os-soldados-atomicos.html>. Acesso em: 24 maio 2013.

Data de recebimento: 30/07/2013

Data de aceite: 09/10/2013